

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM
ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS**

Josiane Ferreira Gomes Lourenço

**RECONHECENDO PLANTAS NATIVAS DO LITORAL DO PARANÁ EM
PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

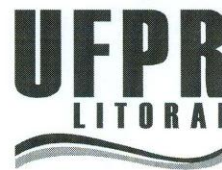
Matinhos

2015



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral

Curso de Especialização Educação Ambiental com
Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela Orientadora, Professora Doutora **LENIR MARISTELA SILVA**, realizaram em 26/09/2015 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **JOSIANE FERREIRA GOMES LOURENÇO**, sob o título "*RECONHECENDO PLANTAS NATIVAS DO LITORAL DO PARANA EM PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL*", para obtenção do Título de *Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "AS".

Matinhos, 26 de setembro de 2015.

Prof.ª. Dra. LENIR MARISTELA SILVA

Prof. MSc. ALMIR CARLOS ANDRADE

JOSIANE FERREIRA GOMES
LOURENÇO
Estudante

Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM
ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS**

Josiane Ferreira Gomes Lourenço

**RECONHECENDO PLANTAS NATIVAS DO LITORAL DO PARANÁ EM
PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Monografia apresentada no curso de Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis no setor litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: prof^a Dr^a Lenir Maristela Silva

Matinhos

2015

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as contribuições agregadas para a realização desse trabalho.

Agradeço primeiramente a Deus; depois a minha família por estar sempre ao meu lado; a professora Dr^a Lenir Maristela Silva por ter sido orientadora desse projeto, que contribuiu no meu crescimento profissional, pela dedicação e comprometimento com o ensino e por ter acreditado na consolidação desse projeto; a UFPR Litoral por ter disponibilizado essa Especialização.; ao professor Lauri Eduardo dos Santos pela contribuição com o projeto e a toda equipe do Colégio Estadual Prof.^a Sully da Rosa Vilarinho por terem me apoiado. A todos o meu sincero agradecimento.

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

John Dewey

SUMÁRIO

1 – Apresentação.....	7
2 – Justificativa.....	7
3 – Metodologia.....	7
4 – Plantas nativas e sua importância.....	8
5 - Relato das vivências.....	9
6 - Considerações finais.....	14
Referências.....	16
Anexos.....	17

Apresentação

O trabalho realizado relata experiências de um projeto de intervenção ambiental realizado nos sextos anos das séries finais do ensino fundamental, do colégio estadual professora Sully da Rosa Vilarinho, situado no município de Pontal do Paraná – PR, do curso de pós graduação em educação ambiental da Universidade Federal do Paraná – setor litoral.

Buscou-se no seguinte trabalho identificar qual conhecimento que os alunos possuíam sobre plantas nativas da região do litoral do Paraná, afim de contribuir com a preservação ambiental nas séries finais do ensino fundamental.

Justificativa

É mais provável que o individuo preserve o ambiente que está inserido quando este tem conhecimento do ambiente em que vive. Pensando dessa forma tive a ideia de mostrar um pouco das plantas nativas da região do litoral do Paraná, aos alunos dos sextos anos do qual atuo como professora de ciências para que eles pudessem conhecer pelo menos algumas plantas da região em que moram, afim de que conhecendo, desenvolvam uma consciência critica para preservar essas plantas. Com o passar dos anos e o crescimento da população essa preocupação foi deixada de lado, chegando ao ponto de morarmos em um lugar, onde se quer temos conhecimento de sua vegetação. As pessoas precisam tomar conhecimento e cuidar do ambiente em que vivem pois dependem dele para viver, “ defender o meio ambiente é obrigação de todos: povo e governo”! (BIGARELLA, 1999, p. 207).

Metodologia

O projeto levou as crianças a identificarem plantas nativas da região do litoral do Paraná, pelo nome popular, depois realizar um estudo sobre Botânica utilizando algumas plantas nativas, no horário das aulas de

Ciências. Para tanto foram utilizadas imagens impressas e vídeos , afim de que os alunos pudessem visualizar as plantas, para que pudessem identificar as mesmas no ambiente escolar, nas ruas, praças, e na própria casa onde moram.

Plantas nativas e sua importância

A planta nativa é aquela que nasce naturalmente, própria da região em que vive, cresce dentro dos seus limites naturais. Diferente das espécies exóticas, que são espécies introduzida pelo homem e se estabelece para além da sua área de distribuição natural. E as exóticas invasoras que são as espécies que sem a intervenção direta do homem, avançam sobre a vegetação local e ameaça o habitat natural, causando assim impactos ambientais, econômico , social e cultural.(INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ, 2015)

A importância de se preservar essa vegetação nativa está relacionada com vários fatores que interferem na conservação do eco sistema local, mata ciliar e beira de rios. É de uma extrema importância para a preservação do curso hídrico e fauna local. Pois essa relação do homem com a natureza sem uma conscientização de educação ambiental tem causado a degradação do meio ambiente. (DIEGUES, [2015], p.1) já alertava que: “ Essas pressões humanas sobre a natureza, na escala em que se realizam hoje, sobrepõem a capacidade de resiliência, de auto-regulação e renovação de muitos ecossistemas terrestres e aquáticos.”

O trabalho presente aborda a importância de se preservar essas plantas nativas relacionado - as principalmente com a questão cultural da região do litoral do Paraná. Pois conhecendo a cultura, conhecemos também como era o modo de vida dos antepassados dessas crianças e como eles se relacionavam com a natureza, demonstrando um conhecimento e respeito pela natureza, pois sabiam que dependiam dela para viver. Tudo isso foi se perdendo com o passar dos anos e com o chegada do capitalismo que foi tomando espaço e modificando até mesmo o fandango que ainda resiste, mas, que já não apresenta as mesmas características de como era feito antigamente, perdendo assim um pouco do seu ritual de fortalecimento das comunidades caiçaras. Fazendo o resgate dessa cultura, fazemos também o resgate de muitos dos

saberes popular que nos ajudarão a pensar em um modo de vida onde agrida menos a natureza, pois

(...) é necessário que se pense em novos modelos de conservação, com a colaboração dos saberes populares, não perdendo de vista que a conservação é uma prática como qualquer outra, ou seja, é feita de comportamentos, técnicas e conhecimentos”.(ANDREOLI e ANACLETO, 2006, p.2)

Relato das vivências

Como resolvi aplicar o projeto no próprio horário das aulas de Ciências precisei fazer algumas adaptações, para que o projeto fosse desenvolvido.

Enquanto elaborava o projeto e fazia estudos sobre algumas plantas nativas da região do litoral do Paraná, estava sendo ensinado aos alunos o conteúdo de Astronomia. Na hora de apresentar a proposta de intervenção para a direção da escola, fui orientada a colocar no plano de trabalho docente (PTD) o conteúdo que o projeto abordava, para que eu pudesse estar respaldada de alguma maneira.

Uma das grandes possibilidades que temos de aprender a conhecer a biodiversidade e desenvolver o sentimento de conservação é durante a Educação básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de ciências naturais apontam que a educação básica deve proporcionar o conhecimento dos diferentes Biomas, da caracterização dos estratos herbáceos, arbustivos, presentes em diferentes ambientes, do reconhecimento dos componentes vegetais das paisagens, de descrição e comparação de plantas significativas de determinados ambientes. (SILVA, FARINA e LOURENÇO apud BRASIL, 2012, p.98)

Como o conteúdo que estava sendo aplicado aos alunos era sobre Astronomia, eu expliquei até chegar em planetas, aí comecei a falar sobre o planeta terra e a importâncias de preservá-lo. Abordei o conteúdo de solos dando ênfase sobre o solo do litoral do Paraná: Terra de desmonte, terra argilosa, terra de morro, sabão de caboclo, mangue e Areião. E dessa maneira chegando ao conhecimento de Botânica.

Enquanto explicava sobre os solos investiguei através de perguntas o conhecimento sobre quais plantas tem no nosso litoral e se todas as plantas

eram nativas da nossa região. Os alunos citaram várias plantas, por exemplo: guapê, goiaba, banana, sombreiro, palmeiras, abacate, dentre outras. Entre as plantas citadas pelos alunos estavam a pitanga e o araçá que são plantas nativas da nossa região, porém suas respostas foram baseadas no fato das plantas citadas por eles serem localizadas em nossa região. Para os alunos todas as plantas que nascem no solo do litoral paranaense, são consideradas por eles plantas nativas da região. Então percebi que precisava explicar para eles o que eram plantas nativas da nossa região e as plantas que nasciam em nossa região porque se adaptavam ao clima e solo do nosso litoral.

Eles também responderam como planta nativa, a restinga. Então perguntei a eles o que era restinga. Para os alunos restinga é apenas aquele matinho encontrado na areia da praia. Precisei trabalhar com os alunos o conceito de restinga, que de acordo com. (SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS, 2010)

Restinga são formações vegetais costeiras extremamente adaptadas a condições adversas como vento, terreno arenoso, baixo nível de fertilidade do solo, elevado grau de salinidade, fatores esses que estão relacionados com o mar. Quanto mais protegido do mar maior, é o porte da vegetação que varia entre herbáceas (rasteira), arbustivas (árvore de pequeno e médio porte) e arbórea com árvore de grandes porte.

Diante das falas dos alunos pude perceber que o conhecimento que eles tem de plantas nativas é muito pouco e muito superficial. Por esse motivo ficou claro a importância desse trabalho ser desenvolvido com os alunos, pois “ O conhecimento da biodiversidade de forma mais intensa pode contribuir muito com a conservação desta, afinal é muito mais provável que se proteja o que se conhece do que o que não se conhece.” (SILVA, FARINA e LOURENÇO, 2012, p.98)

Perguntei a eles se conheciam a caixeta e eles responderam que não. Então resolvi trabalhar uma planta específica com eles, a caxeta.

A caxeta (*Tabebuia cassionoides*), conhecida também como caixeta, tabebuia, pau caxeta, pau paraíba, tabebuia do brejo, pau de tamanco,

tamanqueira, malacaxeta, pau de viola, corticeira, caixeta-do-litoral. É uma árvore de pequeno porte que atinge de 3 a 13 metros de altura e 10 a 30 centímetro de diâmetro, o tronco é tortuoso, a copa é pequena e a casca apresenta uma coloração que varia do bege-claro ao cinza pardo, folhas simples de 12 a 22 centímetros de comprimento, flores brancas com estrias roxas e perfumadas começam a desabrochar na primavera, no sudeste e no sul e no verão no litoral nordestino. Os frutos têm forma de cápsula e as sementes são dispersadas pelo vento. É uma árvore de terreno alagadiços da faixa litorânea da Mata Atlântica. A reprodução das plantas é feita por meio de sementes e brotação. Sua madeira é leve e fácil de cortar, aplainar e lixar e de coloração branca, levemente rosada. É muito utilizada na confecção de artesanatos, instrumentos musicais, tamancos, na fabricação de palitos de fósforos e lápis entre outros objetos. (ÁRVORES... 2015)

A caxeta é uma árvore em extinção devido a sua extração. Por volta de 1937 no Vale do Ribeira / SP a caxeta era usada apenas na fabricação de tamancos, instrumentos musicais e em pequena escala na fabricação de prótese de braços e pernas. Na década de 50 passou a ser usada na fabricação de lápis, sendo a única madeira usada na fabricação de lápis no Brasil. Foram instalada serralherias especializadas na caxeta, elas produziam tabinhas destinadas a fabricação de lápis das indústrias Faber Castell e Labra. Nesse período havia certa facilidade em conseguir guia de autorização para o manejo da caxeta, pois era uma árvore considerada lenha e não como essência florestal de valor econômico. Só a partir de 1989, com o Decreto Federal nº 99.547 proibindo a exploração de espécies nativas da Mata Atlântica, foi interrompido assim as atividades de extração da caxeta (CASTRO, 2002).

Pedi aos alunos para desenharem uma árvore e me entregar, fui surpreendida com os desenhos dos alunos, embora as plantas desenhadas por eles na maioria não fossem plantas nativas da região do litoral, os desenhos eram bem originais, os alunos demonstraram através do desenho, uma percepção sobre a individualidade de cada planta apesar de não ter as técnicas ao desenhar. Entre os desenhos que foram feitos haviam dois que

me chamou muito a atenção um deles foi de um pé de pitanga planta nativa do litoral, embora o aluno ao desenhar não tinha o conhecimento que era um planta nativa, mas desenhou por ter no quintal de sua casa. E o outro desenho foi de uma araucária, embora não seja uma planta do litoral é uma árvore brasileira e o aluno que a desenhou tinha esse conhecimento. Perguntei a ele porque ele desenhou uma araucária e ele me respondeu da seguinte forma: “Professora você pediu para desenhar uma árvore que conhecemos e eu morava em Curitiba faz pouco tempo que estou aqui no litoral então não conheço as plantas daqui por isso desenhei a araucária”.

Peguei todos os desenhos parabenizei a todos pela percepção com as plantas e expliquei a eles quais eram nativas e quais não eram. Surgiu então a seguinte pergunta: porque essa planta não é nativa do litoral se ela nasce aqui, então expliquei por que isso acontece.

Percebi que ensinar sobre plantas não era muito atraente para os alunos, não fazia muito sentido para eles. Foi então que pensei em fazer com que os alunos percebessem a importância dessas plantas em suas vidas. Então resolvi trabalhar com uma única árvore a caixeta, mas para isso eu contei um pouco da história do litoral, como viviam os caiçaras como era sua rotina e falei sobre o fandango, o que era e como era feito o fandango. No início quando começaram a colonizar o litoral haviam muitas roças e quando chegava a época da colheita funcionava da seguinte maneira: o dono da roça convidava os vizinhos para ajudar na colheita e como pagamento era oferecido o fandango pelo dono da roça. A Festa, então, era feita para comemorar a colheita com muita comida típica da região e música. O instrumento usado no fandango é a rabeca feita da madeira da caixeta, confeccionada manualmente. A caixeta é uma árvore nativa do litoral. Percebi então que os alunos demonstraram um maior interesse pelo assunto quando não falei da planta isoladamente mas relacionei -a com a história do litoral, a história deles, dos seus pais e avós. É de extrema importância que os educadores trabalhem os conteúdos abordados na escola de forma contextualizada, para que os educandos visualizem o conhecimento adquirido em sala de aula com o seu dia a dia, fazendo com que o conteúdo

trabalhado, possa ser refletido e reelaborado pelos alunos. pois de acordo com VASCONCELLOS (1992, p.2)

O conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. Isso significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, reelaborado, pelo aluno, para se constituir conhecimento dele.

Para finalizar o trabalho convidei o professor Lauri Eduardo dos Santos, formado em História e aluno do curso de mestrado da UFPR em antropologia, que atua na escola Lucy Requião de Mello e Silva, na ilha do mel. O professor Lauri desenvolve um trabalho sobre musicalidade em específico música do litoral. Reunimos então em uma sala de aula com um pouco mais de 60 alunos e o professor Lauri palestrou para eles sobre o fandango, a caixeta e tocou a rabeca, ele mostrou também um vídeo sobre a confecção da rabeca feita por um morador nativo da ilha dos Valadares em Paranaguá. Os alunos demonstraram muito interesse no assunto, nas aulas seguintes perguntei a eles o que eles tinham aprendido e em suas falas pude perceber que eles tinham absorvido muito sobre o assunto apresentados a eles. Pedi novamente que eles desenhassem uma planta em uma folha de papel sulfite. Dessa vez eles desenharam várias plantas nativas, estavam empolgados com o assunto. Mas o que mais me chamou a atenção foi quando perguntei a eles se eles achavam importante aquele conhecimento sobre plantas. Eles responderam que acham por que através das plantas nós podemos saber sobre a história do lugar e temos que preservá-las para que a história não seja esquecida com o tempo. Essa frase foi reflexão dos alunos em nenhum momento isso foi falado para eles.

As histórias relatadas pelos educandos estão guardadas na memória da sociedade que compõe aquele lugar, e as transformações ocorridas ao longo do tempo no meio social, não lhes permitiu ter esse conhecimento, porém a identidade daquela sociedade pode ser percebida pelos educandos, pois as mudanças que alteraram o meio ambiente afetou diretamente a comunidade

do lugar. A identidade hereditária são marcas que se expressam na própria sociedade, uns dos educandos ao elaborar seu trabalho produziu em seu desenho uma planta que não faz parte das que estavam sendo trabalhadas, ou seja, a Araucária, que está inserida em uma identidade urbana, pois questionado sobre seu trabalho afirmou que do lugar onde ele morava era Curitiba, e ele tinha o conhecimento de que aquela espécie era nativa do lugar onde ele morava, evidenciando um conceito de preservação ambiental pública onde o natural para se manter natural deve extinguir o humano do ambiente, a presença humana é nociva na preservação ambiental.

Porem Diegues [2015] alerta que os modelos de preservação ambiental criados no século passado é uma usurpação dos direitos daqueles que habitavam um determinado lugar, dar espaço para uma concepção simplista de preservação ambiental é um desrespeito com a cultura de uma sociedade, que por muitos anos se adaptaram ao meio onde vivem para dali criarem modelos simbólicos de existência, a etnociência não pode ser vista como menos ciência que os produzidos no meio acadêmico. Promover educação ambiental nas escolas é atentar para modelos de preservação que visam descolamento do humano com a natureza, somos tão natureza como ela própria, o dia em que aprendermos o conceito de natureza com aqueles que sabiam viver na natureza utilizando os recursos dela sem um fim capitalista consumista de preservação, talvez possamos viver no éden.

Considerações finais

O trabalho realizado contribuiu com aprendizagem sobre plantas nativas da região do litoral do Paraná. Foi possível perceber o interesse dos alunos em continuar a conhecer as plantas da região onde moram, pois o trabalho proporcionou que eles contextualizassem a aprendizagem com a história da região onde moram, história de vida de seus pais e avós, ou seja, a própria história deles. Conclui-se que o homem não é um ser deslocado da natureza, por isso faz-se necessário que o mesmo a preserve, pois ele constrói sua cultura com a própria natureza. Nesse projeto pode-se

evidenciar isso na fala dos próprios alunos, quando eles mesmos concluem que é importante conhecer as plantas da região onde moram por que elas contam a história do lugar e é preciso preservá-las para que essa história não seja esquecida com o tempo.

REFERÊNCIAS

BIGARELLA, J. J. **Matinho: Homem e Terra Reminiscências...**/ 2 .ed. Matinhos: Prefeitura Municipal de Matinhos/ Fundação João José Bigarella para Estudos e Conservação da Natureza,1999.

SILVA, Lenir Maristela; FARINA, Bruna; LOURENÇO, Josiane Ferreira Gomes O ensino de botânica no litoral do paraná e as implicações da arborização urbana . **REVSBAU**, Piracicaba–SP,v.7,n.3,p.97-103,2012.

ANDREOLI, V. M., ANACLETO, A. **Compartilhando saberes: Os conhecimentos Tradicionais e a Educação Ambiental**. 2006. Disponível em: <http://www.isepeguaratuba.com.br/inc/pdf/isepe_guaratuba_artigo007.pdf> Acesso em 01/11/2015 as 11:57h

DIEGUES, A. C. **A Educação Ambiental e a Questão das Áreas Naturais Protegidas**. Disponível em <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/educamb.pdf>> Acesso em 01/11/2015 as 11: 46h.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula**. In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83). Disponível em: <<http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/MDSA-AEC.pdf>> acesso em 03/11/2015 as 13:20h.

CASTRO, R. C. F. **Análise econômica do manejo da caixeta-Tabebuia cassinoide (Lam.) DC. No Vale do Ribeira – SP: Um estudo de caso**. Piracicaba,2002. Disponível em<[file:///c:/users/asus/downloads/roberta%20\(1\).pdf](file:///c:/users/asus/downloads/roberta%20(1).pdf)> Acesso em 31/10/2015 as 12:54h.

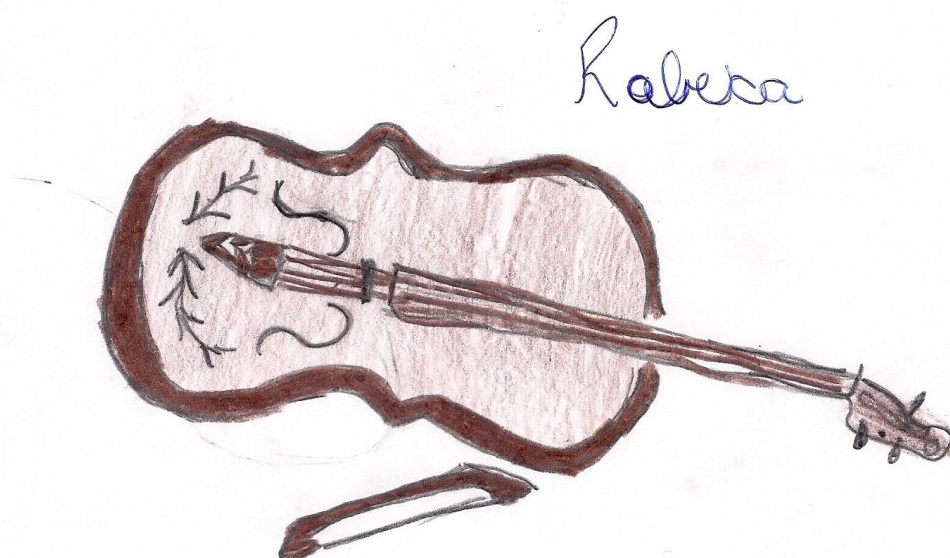
SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. Série Ecossistema Paranaense. 2010. Disponível em <http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/file/cobf/v1_restringa.pdf> Acesso em 01/11/2015 as 23:12h

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. Disponível em <<http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=814>> Acesso em 02/11/2015 as 15:51

ÁRVORES. 2015. Disponível em <<http://www.mudasnativas.biz/arvores-nativas-de-caixeta-mudas-de-caixeta/>> Acesso em 02/11/15 as 16:16

ANEXOS

Mathews Jamuana da Silva
Serie 6B
data 27/07/15



Nome: Usomela
Usua: 6^oA
N^o: 30
Pitanga



Nome: Aline Maria Sobrado Nº 2 6º B

Árvore: Araucária

